



A linguagem da natureza e a fenomenologia de Goethe

Jonas Bach Junior¹

Resumo: Este artigo apresenta uma análise dos aspectos linguísticos da fenomenologia de Goethe. Como parâmetro metodológico da análise da linguagem, a fenomenologia de Flusser serve como embasamento teórico. Para Goethe, a natureza não é mero objeto, é atividade, torna-se o sujeito pesquisado. Seus procedimentos científicos buscavam uma linguagem humana que correspondesse à linguagem de manifestação da natureza. A ciência explora na linguagem o nível da conversação e Goethe explora, além disso, o seu nível poético num sentido lato. A dinâmica do organismo vivo exige a dinâmica flexível do sujeito pesquisador, que estrutura uma linguagem condizente com o fenômeno pesquisado, a natureza. A fenomenologia goetheana é a construção de uma linguagem científica que compreende a linguagem da natureza.

Palavras-chave: fenomenologia da natureza, Goethe, linguagem

The language of nature and the phenomenology of Goethe

Abstract: This paper presents an analysis of the linguistic aspects of the phenomenology of Goethe. As a methodological parameter of the analysis of language, Flusser's phenomenology serves as theoretical basis. For Goethe, nature is not merely an object, it is activity, becomes the researched subject. His scientific procedures sought a human language that corresponds to the language of manifestation of nature. Science operates at the level of conversational speech and Goethe operates too its poetry level in a broad sense. The dynamics of the living organism requires flexible dynamic of the researcher, which structures a language consistent with the researched phenomenon, the nature. The Goethean phenomenology is the construction of a scientific language that understands the language of nature.

Keywords: phenomenology of nature, Goethe, language

Introdução

A fenomenologia é amplamente conhecida tendo como seu mentor Edmund Husserl, que gerou uma escola filosófica influenciando inúmeros pensadores

¹ Pós-Doutorando do Departamento de Filosofia da Educação da UNICAMP. Bolsita do PNPd/Capes. Doutor em Educação (UFPR).

posteriores, que deram continuidade e criaram suas próprias especificidades por intermédio deste campo reflexivo. Este estudo aborda outra fenomenologia, uma profenomenologia que nasceu mais de um século antes da escola husserliana. Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) é mais amplamente conhecido como poeta e dramaturgo do que como cientista. Foi justamente nas suas atividades de pesquisa da natureza que Goethe criou um método que passou a ser reconhecido como fenomenológico somente no século XX.

Para definir, descrever e justificar seu método, Goethe criou uma nova linguagem científica que não se enquadrava nos parâmetros linguísticos da ciência de sua época, amplamente dominada pela perspectiva positivista e por representações geométrico-matemáticas do que seria a verdade a respeito da realidade. Sua fenomenologia da natureza é um processo do conhecimento humano que estabelece uma dinâmica dialógica entre sujeitos, o sujeito humano (pesquisador) e o sujeito natureza (o pesquisado). Os fenômenos da natureza são manifestações de um sujeito que possui uma linguagem própria. O papel do sujeito pesquisador na fenomenologia da natureza de Goethe é dialogar com o sujeito natureza, para compreendê-lo segundo sua própria linguagem. Assim, não há uma invasão, uma coerção ou um silenciamento forçado do sujeito pesquisador sobre o sujeito pesquisado. O método dialógico não tortura a natureza para entendê-la, porque este ato a silencia. A fenomenologia da natureza de Goethe é um processo de ausculta, um processo em que o sujeito pesquisador cria as condições adequadas para perceber a expressão da natureza, o sujeito pesquisado. A linguagem do pesquisador é uma linguagem criada em concomitância dialógica com a natureza.

A abordagem fenomenológica de Vilém Flusser (1920-1991) sobre a língua e seu papel criador de realidade é o parâmetro utilizado neste estudo, para compreender, antes de tudo, a fenomenologia de Goethe como um procedimento artístico-científico no esforço de reinventar uma linguagem que torne possível a transparência do fenômeno para a pesquisa científica. A amplitude das considerações flusserianas a respeito do fenômeno linguístico em sua obra *Língua e Realidade* oferece um panorama enriquecido pelo foco fenomenológico sobre o instrumento de aproximação humana em relação ao mundo percebido.

A linguagem criada por Goethe foi um processo inaugural de uma perspectiva epistemológica inexistente nos séculos em que viveu, por isso a sua lenta aceitação nos espaços acadêmicos que vêm oferecendo abertura à medida que a própria história da

ciência avançou em parâmetros paradigmáticos abrangentes, evitando assim os modelos científicos reducionistas do passado. A proposta deste estudo é realizar uma conversação avançada a respeito da fenomenologia goetheana, pautada na perspectiva flusseriana sobre a construção da realidade realizada na construção da língua. A conversação avançada é uma pesquisa exploratória de novos caminhos do pensamento (poiésis), é uma transformação da conversação para explicitar e esclarecer o tônus da atividade científica praticada por Goethe.

Análise fenomenológica da linguagem

O ponto de partida de Flusser não é a perspectiva analítica, procurando desvendar o mistério da linguagem através de procedimentos lógico-matemáticos. Seu impulso inicial é o fenômeno em si da língua, como ela se apresenta em seus usos e aplicações nos mais diversos âmbitos do mundo da vida [*Lebenswelt*], em seus alcances e limites de expressão ao configurar parâmetros para compreensão da realidade. Flusser (2005, p.46) utiliza uma imagem comparativa estabelecendo uma correspondência entre a árvore do reino vegetal e a árvore do Eu, a árvore do sujeito do conhecimento. O sujeito epistemológico é a árvore do conhecimento. O estilo mitológico de Flusser é próprio de quem precisa ser, antes de tudo, fenomenológico ao explorar os meandros profundos do vínculo humano com sua ferramenta de expressão. Para realizar uma grande conversação, Flusser eleva-se – segundo o que ele mesmo denomina - ao nível poético para depois voltar com mais subsídios para a conversação sobre a língua e a realidade. A árvore é a imagem que representa o ser (o vegetal) que cria a vida e o ser (o Eu) que cria o conhecimento.

O Eu é, portanto, uma árvore cujas raízes, os sentidos, estão ancoradas no chão da realidade, cujo tronco, o intelecto, transporta a seiva colhida pelas raízes, transformada até a copa, o espírito, para produzir folhas, flores e frutos. (FLUSSER, 2005, p.46)

O Eu é o sujeito do conhecimento que, em sua globalidade, abrange duas extremidades, os sentidos e o espírito, as raízes e frutos, folhas e flores, respectivamente. O Eu se assenta no chão da realidade, os dados brutos alimentam suas raízes, seus sentidos. As raízes sorvem substâncias da terra profunda e escura, essas

substâncias percorrem o tronco transformadas como seiva. A analogia flusseriana compreende o intelecto humano como o tronco onde fluem palavras e frases (pensamentos), que são transformações (seiva) da substância original sorvida pelos sentidos (raízes). “Nesta transformação, neste salto abrupto e primordial, neste Ursprung, reside o milagre e o segredo do Eu. Há um abismo intransponível ao intelecto entre o dado bruto e a palavra” (FLUSSER, 2005, p.46). Entre as substâncias minerais presentes no solo da terra e as substâncias da seiva, há também um abismo considerável.

A vida da árvore do conhecimento, a vida do Eu, depende do fluxo de palavras que corre pelo seu centro conectando os dois pólos, percepção e conceito, os sentidos e o espírito. A percepção é o ponto de encontro com a realidade desconhecida, entre raiz e solo. Tudo aquilo que conhecemos da realidade através dos sentidos é transformado em palavras.

Isto justamente caracteriza o intelecto: ele consiste de palavras, compreende palavras, modifica palavras, reorganiza palavras, e as transporta ao espírito, o qual, possivelmente, as ultrapassa. O intelecto é, portanto, produto e produtor da língua, “pensa”. (FLUSSER, 2005, p.47)

Tanto um intelecto mergulhado no senso comum quanto um intelecto aprimorado em sua área científica servem-se do mesmo princípio. A diferença estará na quantidade de palavras, nas especificações e nas atribuições conceituais empregadas nestes elementos linguísticos. A linguagem é composta de pensamentos e palavras, no seu todo - e continuando a analogia flusseriana – ela é a própria seiva da árvore do conhecimento, pensamentos e palavras são suas partes integrantes.

Flusser baseou-se no método fenomenológico de Husserl e na teoria linguística de Wittgenstein para vasculhar o campo de manifestação das linguagens e sua correlação na construção da realidade. Não sendo filologia, sua análise adentra no contexto linguístico. De acordo com Keim e Santos (2012, p.121), foi através da identificação entre construção da linguagem e construção da realidade que Flusser “abriu o caminho da investigação da realidade através da análise da linguagem, o que significa a transposição da problemática filosófica para o nível da responsabilização planetária e cósmica”. O campo de manifestação da linguagem possui seis níveis gradualmente separados entre dois opostos, dois silêncios, um inautêntico e outro autêntico. A linguagem pode se manifestar em três níveis autênticos e três níveis inautênticos. Do ápice da autenticidade à inautenticidade, as camadas da linguagem se manifestam como oração, poesia e conversação (autênticas) e conversa fiada, salada de

palavras e balbuciar (inautênticas). Neste estudo, o sentido de linguagem permanece amplo, fora do simbolismo geológico que Flusser empregou, portanto, sem qualquer resquício de alguma conotação colonialista.

Do ponto de vista da fenomenologia de Goethe, Flusser conseguiu abranger o todo fenomênico através da primordialidade dos silêncios, como origem e sentido (direção) da construção humana da linguagem. Numa leitura goetheana, os silêncios opostos de Flusser são o fenômeno primordial da linguagem, a luz (o nada autêntico) e a escuridão (o nada inautêntico) da linguagem. As seis camadas são níveis de ascendência ou descendência da linguagem, a transição entre diferentes níveis de intensificação [*Steigerung*] do fenômeno linguístico.

A ciência permanece na camada da conversação, limitando a construção da realidade de acordo com a abrangência deste nível. Uma das principais características de Goethe na sua relação com a natureza foi justamente o dilema entre a linguagem científica e sua construção fenomenológica do conhecimento. Ao estabelecer uma nova linguagem que buscava uma tradução aprofundada das percepções elevadas que ia conquistando em suas pesquisas, Goethe (2000, p.102) se isolou de seus contemporâneos, pois não compreendiam sua linguagem, e antecipou um modo futuro de se fazer ciência. A linguagem científica da fenomenologia goetheana eleva-se ao patamar que Flusser denominou de poético, pois a conversação possui uma produtividade restrita, pois ela é:

[...] plana, desenvolve-se em duas dimensões, estende a língua, mas não a aprofunda. Não é criadora de novas palavras, de novos elementos da realidade, não é poética no sentido de *poiesis*, de estabelecer (*Herstellen*) realidade. A verdadeira filosofia ultrapassa a camada da conversação e participa da camada da poesia. Neste sentido abrange e supera a ciência. (FLUSSER, 2005, p. 139)

Goethe era poeta [*Dichter*] e como cientista elaborou uma linguagem adensada, em sua densidade [*Dichtigkeit*] expressou percepções que traduziam uma relação não dicotômica entre sujeito e objeto, mas uma relação onde o sujeito vê o fenômeno como outro sujeito, que possui atividade (linguagem) própria. O desafio da fenomenologia é decifrar esta linguagem do sujeito pesquisado. Para isso, Goethe criou uma nova linguagem que ultrapassou a conversação científica, permanecendo ciência, mas ampliando a produtividade. O motivo do isolamento que a fenomenologia goetheana sofreu na época em que nasceu não está nela mesma, mas, com a ajuda da análise

fenomenológica flusseriana, na incapacidade dos intelectos - habituados a uma linguagem restrita - de penetrar na camada mais densa da linguagem.

O intelecto opera exclusivamente sob o procedimento da análise, dividindo e separando, o mundo lhe é assimilável. No entanto, a camada poética já expressa sínteses, junções de significados (percepções e conceitos) numa outra forma (outra palavra), e gera novos sentidos linguísticos que só podem ser penetrados por quem é tão produtivo quanto o sujeito que estabeleceu a linguagem nova. Neste sentido, a fenomenologia goetheana é polêmica num processo intersubjetivo, entre sujeitos pesquisadores, pois mantém o desafio de uma reciprocidade produtiva entre os interlocutores. A atividade do intelecto não alcança o nível significativo estabelecido pelo poético. “Toda tentativa de analisar a língua neste estágio a afrouxa e lhe destrói a qualidade de impermeabilização, isto é, a qualidade poética” (FLUSSER, 2005, p.146). O conceito flusseriano de poesia é amplo e abrange igualmente a produtividade filosófica e, sobretudo, quando a atividade científica está dirigida para a criação de conceitos novos. É neste último quesito que se encaixa a fenomenologia de Goethe.

Os conceitos novos representam inaugurações de uma nova relação do homem com a natureza, onde a produção do conhecimento está imbuída de uma responsabilidade pela criação da própria linguagem. O ponto de partida de Goethe em recusar denominar a natureza como objeto e sim vê-la como atividade, já é um grande diferencial no desenvolvimento do conhecimento. Ao denominar o objeto como atividade, nasce um pensamento novo, no sentido flusseriano, um pensamento poético porque mais denso e que pode ser articulado na conversação científica, ao operar como uma crítica consciente da linguagem poética que cria novas regras, novos pensamentos. Entretanto, a receptividade da fenomenologia goetheana perpassa o desafio da inapetência do intelecto científico que não adentra nas camadas impermeáveis da linguagem poética. Ao estabelecer a relação dialógica sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, no contexto, ou seja, com a e na natureza, Goethe utiliza na botânica um conceito transcendente quando afirma que “tudo é folha” (PÖRKSEN, 1986, p.86). Para a compreensão literal, ou seja, para o intelecto que utiliza as palavras analisando o que percebe através dos sentidos, esta camada poética da linguagem é incompreensível, quando não absurda. “A concepção genética das partes da planta esbarra na fronteira da linguagem comum e convencional” (PÖRKSEN, 1986, p.87)².

² [Die genetische Auffassung der Pflanzenteile stößt an eine Grenze der konventionellen Umgangssprache.] (PÖRKSEN, 1986, p.87) (Tradução do autor)

A crítica da conversação científica que aborda a fenomenologia de Goethe, sem o prerequisite fundamental da relação dialógica com a natureza, recai no nível da conversa fiada, ou melhor, como re-significaram Keim e Santos (2012, p.118), recai em “frases descontextualizadas”. A conversação crítica descontextualizada é sem fundamentos, dirige-se à camada da inautenticidade. Para a conversação científica que busca esta interação com a camada poética, há uma libertação dos sujeitos através da linguagem. “Os intelectos em conversação são progressivamente mais livres, à medida que absorvem as regras e os conceitos novos que lhes são transmitidos pela poesia” (FLUSSER, 2005, p. 149). A atividade poética da fenomenologia goetheana na ciência foi o esforço de elevação da conversação científica, aproximando-a do fenômeno primordial, ou seja, do inominável. O sujeito pesquisado é uma manifestação, um fenômeno derivado, do fenômeno primordial, que é o indizível autêntico, aquilo que o sujeito pesquisador deve buscar sem ultrapassá-lo para não ser aniquilado. A árvore do conhecimento da fenomenologia goetheana preocupa-se com a formação da sua seiva, da sua linguagem, pois ela é a ponte que liga as raízes, os sentidos, as percepções, à copa da árvore, o espírito, os frutos, as folhas e flores. A utilização da linguagem como instrumento epistemológico de aproximação do ser humano em relação à natureza é uma das principais características da fenomenologia de Goethe.

Seu método é o da predicação definidora. As partes específicas são compreendidas primeiramente em sua solidariedade como partes idênticas ou semelhantes de um todo e só então em sua diferença recíproca. A utilização da linguagem é esclarecedora e não denominadora. (PÖRKSEN, 1986, p.87)³

A conversação goetheana ao abordar o fenômeno da natureza e sua correlação com a realidade eleva-se ao patamar do poético, da criação do novo pensamento, para elevar-se a um sentido que as palavras no nível da conversação não alcançam. O nível poético da língua, com sua força comparativa, possibilita a ampliação dos sentidos, para uma compreensão abrangente da árvore.

Linguagem da natureza e linguagem humana

³ [Sein Verfahren ist das der definierenden Prädikation. Die einzelnen Teile werden zuerst in ihrer Zusammengehörigkeit als identische oder verwandte Teile eines Ganzen und erst dann in ihrer wechselseitigen Verschiedenheit erfaßt. Der Sprachgebrauch ist erklärend, nicht benennend.] (PÖRKSEN, 1986, p.87) (Tradução do autor)

No reino vegetal há muitas espécies de árvores, com sua rica diversidade em produção de folhas, frutos e flores; assim como há também muitas espécies de árvores do conhecimento: positivismo, materialismo dialético, fenomenologia, psicanálise, etc., com seivas (palavras, pensamentos, linguagens) diferenciadas, como modos distintos de absorver os dados brutos, a realidade, e produzir assim a multiplicidade espiritual da humanidade.

Esta imagem comparativa, estendida à fenomenologia de Goethe, permite descrever certos aspectos específicos de sua cosmovisão, possibilitando uma compreensão mediada pela própria linguagem simbólica que Flusser utilizou e que caracteriza o estilo fundamental da abordagem científica goetheana. Neste sentido, o caminho percorrido para se chegar à fenomenologia goetheana da natureza – a linguagem simbólica – corresponde à própria forma da mesma. Esta proposta de estudo baseia-se em forma e conteúdo correlacionados. Ou seja, a pesquisa fenomenológica da natureza não é uma invasão, é uma aproximação. A linguagem da invasão é lógica e linear, a linguagem da aproximação é simbólica.

Jamais se reflete o bastante sobre o fato de que a linguagem é propriamente apenas simbólica, figurada, e de que jamais exprime diretamente os objetos, mas somente por reflexos. Tal é especialmente o caso quando se trata de seres que apenas se aproximam da experiência e que podem ser chamados antes atividades que objetos, estando no reino da doutrina da natureza em contínuo movimento. Não podem ser fixados, embora devam ser descritos; é por isso que se tentam todos os tipos de fórmulas, para se aproximar deles ao menos alegoricamente. (GOETHE, 1993, p. 134)

A natureza na fenomenologia goetheana não é objeto, é atividade, é sujeito num outro grau em relação ao sujeito que pesquisa. Para a compreensão da árvore do Eu de Goethe, ou seja, da sua abordagem epistemológica como um todo, da percepção à conceitualização, passando pela construção de uma linguagem própria, é necessário descrever o seu aspecto diferencial. Em sua pesquisa da natureza – seja botânica, geologia, ótica, etc. – Goethe adotou um mesmo princípio que lhe distingue inclusive da fenomenologia husserliana. Com o intuito de evitar qualquer abstração dos pensamentos em relação aos fenômenos que pesquisava, Goethe sempre foi fundamentalmente empírico. Sua fenomenologia foi realizada e construída com a natureza, no contexto do fenômeno. Para não ser confundido com o empirismo comum, ele mesmo reformula o seu próprio conceito: sua fenomenologia é empiria delicada [*zarte Empirie*]. Goethe contrapôs-se ao racionalismo moderno que, influenciado pelo cartesianismo, propôs

erigir uma árvore do conhecimento onde o que proviesse dos sentidos fosse colocado sempre sob a dúvida e considerado ilusão. Para a fenomenologia goetheana, a árvore cartesiana do conhecimento nega o contato de suas raízes com o solo e isolando o processo da seiva, da linguagem, apenas dentro do intelecto (racionalismo), resseca o sentido da vida. Em outro momento, Flusser (2002, p.38) comenta o aspecto nefasto da teoria cartesiana do conhecimento. Nesta perspectiva, a árvore cartesiana desenraíza o ser humano do fenômeno, de tudo aquilo que acontece no solo, na realidade da natureza.

Outra diferença crucial está no posicionamento dicotômico da árvore cartesiana do conhecimento que, ao dividir os dados brutos como *res extensa* e o tronco como *res cogitans*, atribui a este o caminho para a certeza (sujeito ativo) e compreende aqueles como expansão, objetos (passividade). Enquanto que a árvore goetheana do conhecimento, nas pesquisas sobre as plantas, por exemplo, se aproxima da natureza vendo-a como sujeito, não como objeto. A fenomenologia de Goethe se assenta sob um solo, uma realidade, cujas substâncias têm “vida em si”, tem linguagem própria. O desafio é a transformação desta linguagem própria da natureza na linguagem científica, na linguagem humana. Por isso, a fenomenologia de Goethe, em sua autodenominação ao apontar a delicadeza como princípio do seu modo de ser, estabelece uma diferença qualitativa na relação entre percepção e dados brutos, comparada ao estilo do empirismo indutivo, ao não transformar os dados em uma linguagem matemática, nem se apoiar num processo de experimentações isoladas para inferir generalizações sobre o fenômeno. Goethe assume que estamos sempre traduzindo os fenômenos, que nunca teremos um alcance direto do fenômeno. O abismo intransponível entre a percepção e o dado bruto da realidade permanece. O diferencial está na assunção de que toda linguagem científica é uma tentativa de tradução. Ao entender que o experimento serve apenas como intermediário entre o sujeito e o que está sendo pesquisado, Goethe buscou conhecer a grande variedade de manifestações do fenômeno natural, imerso no contextual, sem criar situações artificiais, e variando as condições para compreender a complexidade fenomênica.

A árvore do Eu de Goethe não subalterniza suas raízes, como no cartesianismo, nem as utiliza como meras aberturas para os dados brutos, como no empirismo. Em sua Teoria das Cores, Goethe inicia justamente com a raiz, o olho, o órgão do sentido que para gerar a percepção - antes do intelecto gerar palavras para traduzir a percepção - possui um papel ativo na formação das cores. As cores são os dados brutos, há o seu papel de atuação [*Wirkung*] no olho e a contra-atuação [*Gegenwirkung*] do próprio olho.

Em sua *Metamorfose das Plantas* (GOETHE, 1993), cada capítulo inicia justamente com o papel ativo da observação. O intelecto focaliza a atividade da observação, este foco representa um grau elevado de atenção que permeia os sentidos, o nascimento das palavras no encontro com a percepção obtém outra qualidade. Os dados brutos do mundo vegetal são instáveis ao longo do tempo, não há forma alguma que não se encontre em movimento.

A fenomenologia da natureza agrega o tempo como dado bruto, não basta o que se apresenta no espaço, a forma [*Gestalt*] da planta no momento da observação, importa captar dos dados brutos a transformação da forma ao longo do tempo, a formação [*Bildung*] da planta. A folha demonstra uma forma num tempo determinado e outra forma num tempo posterior. O sentido não capta a passagem de uma forma à outra, percebe duas formas fixas diferentes uma da outra. A transição pode ser compreendida como produto de uma postura ativa da linguagem que, dinamizando-se, cria o movimento dos pensamentos que espelham a dinâmica dos dados brutos. Para Goethe, não são os sentidos que nos enganam, não temos problemas nas raízes que poderiam falsificar ou deturpar os dados brutos. O problema humano está no julgamento do que é percebido. Justamente onde Flusser chama atenção, o abismo intransponível, a não possibilidade de saber como os dados se tornam percepção, é o ponto de confiança de Goethe que dirige sua crítica justamente para os julgamentos, ou seja, para a atividade mental de atribuir palavras e pensamentos (julgamentos) ao que se percebe.

A antiga distinção grega, que nasceu com a filosofia, entre aparência e realidade, imputando à primeira o status de engano e à última uma veracidade por detrás do fenômeno, não é reproduzida na atitude goetheana frente aos fenômenos. Estes já são a própria teoria, não há a necessidade de se buscar nada além, ou por trás deles. A proposta da fenomenologia da natureza não é uma ingenuidade frente ao fenômeno, é a elaboração de um julgamento superior que possibilite a criação de uma linguagem pelo sujeito pesquisante que dialoga com o sujeito pesquisado. O contínuo fluxo de transformação do sujeito natureza, o reino das plantas, requer na árvore da fenomenologia goetheana uma linguagem que acompanhe a dinâmica deste fluxo transformativo (GOETHE, 2000, p.56).

As palavras e pensamentos, a seiva da árvore do conhecimento, precisam se metamorfosear como a seiva da árvore do reino vegetal. Assim como a seiva da árvore possui diferentes gradações de refinamento para produzir o tronco lenhoso próximo da terra, o caule da folha, as distintas texturas das folhas, as pétalas de uma flor, a

fenomenologia de Goethe procura expressar esse escalonamento gradual do refinamento na sua linguagem, na sua seiva. Goethe utilizou o termo *Steigerung* para designar o fenômeno de gradação, de intensificação. A intensificação é dupla, ocorre tanto na direção da matéria (o solo, a realidade), quanto na direção do espírito (da copa da árvore, da suprarrealidade). O objetivo da fenomenologia é encontrar uma correspondência entre os dois sujeitos, o pesquisante e o pesquisado. A seiva que a planta usa para plasmar o caule não é igual à seiva para formar a flor. As palavras para compreender o intelecto ou os sentidos não são iguais para se compreender o espírito. Dos sentidos ao intelecto, até o espírito, é necessária uma intensificação do refinamento da linguagem da matéria ao espírito. A intensificação é inerente aos fenômenos cromáticos e vegetais. A fenomenologia de Goethe imbui-se do teor daquilo que pesquisa, a forma e o conteúdo do que é pesquisado encontra correspondência na forma e conteúdo (linguagem) do sujeito pesquisante.

A intensificação é dupla, descendente ou ascendente [*absteigend, aufsteigend*]. Para captar este teor da dupla intensificação, é necessário ampliar a linguagem poética de Flusser para compreender a fenomenologia goetheana. A copa da árvore (folhas, flores e frutos) não tem apenas a função de absorver a seiva cada vez mais refinada para realizar sua função produtora. A copa da árvore embebe-se das forças do cosmos, da luz que provém do céu. A qualidade da seiva, da linguagem, precisa estar permeada pelas forças que o espírito, a copa da árvore do conhecimento recebe. Na árvore goetheana do conhecimento, a linguagem tem direção dupla, ascendente e descendente, dos sentidos ao espírito, do espírito aos sentidos. A raiz está na escuridão do solo, da realidade, a copa está na luminosidade do céu, da suprarrealidade. Luz e escuridão são o fenômeno primordial das cores e o fenômeno primordial das plantas na sua manifestação de verticalidade. A percepção (escuridão) depende dos sentidos (da matéria), os conceitos (luz) que permeiam as palavras dependem do espírito.

Nós executamos continuamente nosso conhecimento, ou seja, a associação entre percepção e conceito. Este desempenho primordial de nossa humanidade, a partir do qual o ser humano e o mundo surgem um do outro continuamente como um movimento ininterrupto um no outro, constitui o fundamento de nossa existência, o afluir incansável entre luz e escuridão. (WITZENMANN, 1987, p.35)⁴

⁴ [*Unser Erkennen, also das Vereinigen von Wahrnehmung und Begriff vollziehen wir fortwährend. Diese Urleistung unserer Menschlichkeit, aus der Mensch und Welt als ein ununterbrochen ineinander Bewegtes unablässig auseinander entstehen, bildet den Grund unseres Daseins, das nie ruhende Sich-Durchströmen von Licht und Finsternis.*] (WITZENMANN, 1987, p.35) (Tradução do autor)

Na dinâmica ascensional e descensional de aproximação à realidade ou à suprarrealidade, as palavras e pensamentos são tradutoras de ambos. A seiva nunca é o dado bruto da matéria, nem a luz solar. Lembrando mais uma vez Flusser (2005, p.46), as palavras (a seiva) são transportadas pelo tronco “ao espírito, o qual, possivelmente, as ultrapassa”. Para ultrapassar as palavras que foram formadas pelo olho do sentido da visão, o pesquisador precisa do “olho do espírito”, na linguagem de Goethe. A árvore do conhecimento é autotransformadora porque o pesquisador não está acabado, ele “deve elaborar um método adequado à intuição, evitando transformá-la em conceito e o conceito em palavras, agindo ou procedendo como se tais palavras fossem objetos”(GOETHE, 1993, p. 129).

A análise linguística interpreta as palavras como objetos e esta é uma das grandes advertências de Goethe para quem quer transcender a relação convencional com os fenômenos da natureza. A intuição é poder do espírito de ultrapassar as palavras, de permitir à compreensão daquilo que está além delas. As palavras são apenas símbolos mediadores da realidade e da suprarrealidade.

A consciência da inevitável tradução diante de qualquer fenômeno impede a pretensa fundamentação de uma linguagem neutra ou isenta de causar interferências na relação com os dados brutos. Inclusive os matemáticos são tradutores dos fenômenos, parciais e reduzidos ao seu universo numérico e mensurador. A relação das raízes com o solo, dos sentidos com os dados brutos, é imensamente rica em diversidades que a linguagem lógico-matemática não traduz.

Cuidado.

Matemáticos também traduzem o fenômeno em sua linguagem.

Vantagens e perigos

Exemplos para se desviar continuamente. (GOETHE *apud* PÖRKSEN (2008, p.95))⁵

Ciente não só da função tradutora da linguagem, mas também das limitações do pensamento analítico que limita a abrangência da linguagem num campo estrito, Goethe investiu no desenvolvimento, por outro lado, do pensamento sintético, sem excluir o analítico. Porque a atividade do fenômeno da natureza, das plantas, é uma dinâmica

⁵ [Vorsicht.

Mathematiker übersetzen auch das Phänomen in ihre Sprache.

Vorteile und Gefahren

Beispiele von immerfort irren.] (GOETHE *apud* PÖRKSEN (2008, p.95)) (Tradução do autor)

entre os movimentos de expansão e de contração (GOETHE, 1993, p.44), a fenomenologia goetheana acompanha esse dinamismo na sua linguagem, entre pensamentos analíticos e sintéticos. Os conceitos são apropriados e utilizados na verificação empírica no encontro dialógico com os fenômenos. Por isso, a condição primeira do método é a percepção dos fenômenos (raiz conectada ao solo), além disso, há uma postura qualitativa da atenção focalizada no processo de observação. A intencionalidade da consciência, com alvo definido, altera a qualidade do surgimento das palavras, pois transforma a sua relação com os sentidos. Entretanto, antes de emitir um julgamento preestabelecido (uma hipótese), Goethe averigua a pertinência dos conceitos que utiliza. Para isto, a condição é conhecer os diversos modos de representar o fenômeno. A diversidade da qualidade do encontro entre os dados brutos e os sentidos não permite apenas um modo de representar o fenômeno, pois não é esta sua forma de manifestação, sua linguagem. Comparado à escola da fenomenologia, pode-se afirmar que Goethe fez uma ciência fenomenológica preocupado com os muitos lados, aspectos e perfis do ser pesquisado, a natureza (SOKOLOWSKI, 2004, p.25-26). Assim, a fenomenologia da natureza imbuí-se em versatilizar as representações sobre o que pesquisa. A versatilidade das representações significa uma versatilidade de palavras e pensamentos, uma linguagem-seiva mais próxima do silêncio autêntico que há acima dos fenômenos. A árvore do conhecimento na fenomenologia de Goethe procura manter-se múltipla na configuração da sua linguagem.

Com a condição de manter uma maleabilidade conceitual para não redundar no enrijecimento epistemológico de sua época, Goethe assume a necessidade de proceder com o fenômeno com outra qualidade na sua atividade julgante. O julgamento discursivo, depois de suas leituras de Kant, pareceu-lhe como um prévio limitador das possibilidades que o próprio pesquisador possui em metamorfosear seus juízos. O julgamento intuitivo [*anschauende Urteilskraft*] é processo a ser desenvolvido e conquistado pelo pesquisador, numa dinâmica de autoaprimoramento no emprego dos seus conceitos e na formulação da sua linguagem. A conscientização abrange a árvore do conhecimento de um extremo ao outro. O procedimento epistemológico orientado para a dinâmica respiratória da contração e expansão, da síntese e da análise, da *vis centripeta* e *vis centrifuga*, estabeleceu a interação empírica com o fenômeno e a amplitude arquetípica da contemplação do conceito intuído. A planta primordial [*Urpflanze*] é o arquétipo de todo o reino vegetal, a unidade que confere a multiplicidade a cada exemplar que manifesta a sua diversidade. Os sentidos encontram

a multiplicidade dos dados brutos, a linguagem fenomenológica não se torna uniforme para obter controle sobre a multiplicidade, ela se torna multiforme com base na unidade. Se unidade, multiplicidade e totalidade permanecem como três grandezas quantitativas para Kant, em Goethe elas se tornam dimensões qualitativas.

Goethe reconhece a necessidade e a ameaça da intuição. A necessidade porque é o poder intuitivo que permite o reconhecimento da unidade subjacente à multiplicidade, tarefa impossível para o intelecto. Trata-se de uma ameaça porque a intuição dos arquétipos é o extremo da *vis centrifuga*, tende para um descanso da pesquisa no silêncio do indizível, no aniquilamento do intelecto.

A idéia de metamorfose é um presente do alto extremamente honroso, mas também extremamente perigoso, pois leva à ausência de forma, destrói o saber, o dissolve. É como a *vis centrifuga* e se perderia no infinito se não lhe fosse atribuído um contrapeso: quero dizer o instinto de especificação, a capacidade tenaz de persistir do que chegou uma vez à realidade; uma *vis centripeta* à qual nenhum elemento externo pode prejudicar o seu fundo mais profundo. (GOETHE, 1987, p.208) ⁶

A compreensão profunda do fenômeno primordial ameaça com uma estagnação da pesquisa. A força da intuição, como poder da *vis centrifuga*, faz a sucção ascendente ao silêncio autêntico. Goethe reconhecia no fenômeno primordial o limite da pesquisa, para além disso, tudo é especulação, jogo de palavras de uma conversa que brinca com a inautenticidade. O fenômeno primordial pode ser apenas indiretamente tocado, para o intelecto e sua linguagem ele permanece um nada no sentido flusseriano. “O nada, longe de ser um conceito vazio e negativo, torna-se um superconceito sinônimo do indizível” (FLUSSER, 2005, p.132). Como na fenomenologia goetheana a polaridade é a manifestação da simultaneidade dos opostos, este “nada” indizível, o fenômeno primordial, é o “tudo”, é o todo presente em cada uma das partes. O paradoxal e o tautológico reúnem-se no fenômeno primordial. Paradoxal porque exprime o inexprimível, tautológico porque todo fenômeno derivado remete novamente ao primordial, que é sempre paradoxal. Goethe mesmo iniciou suas pesquisas acreditando que encontraria a planta arquetípica empiricamente, era sua fase ingênua que foi

⁶ [La idea de metamorfosis es un regalo de lo alto extremadamente honorable, pero al mismo tiempo extremadamente peligroso, pues conduce a la ausencia de forma, destruye el saber, lo disuelve. Es semejante a la *vis centrifuga* y se perdería en el infinito si no le fuese asignado un contrapeso: quiero decir el instinto de especificación, la tenaz capacidad de persistir de lo que ha llegado una vez a la realidad; una *vis centripeta* a la que ningún elemento externo puede perjudicar en su fondo más profundo.] (GOETHE, 1987, p.208) (Tradução do autor)

transposta nos diálogos com Friedrich Schiller. Sua árvore do conhecimento assumiu então a experiência, o contato das raízes com o solo, e a ideia, esse nada como conceito positivo com origem no cosmos, como eternamente separados na pesquisa fenomenológica, mas a correlação de ambos é continuamente buscada. A ideia em Goethe é o nada positivo impenetrável, tão invisível quanto a luz que, tendo a escuridão como parceira, precisa do meio turvo, a fronteira da matéria, para fazer surgir a linguagem das cores. Na linguagem fenomenológica, Goethe viu as cores, antes de tudo, como feridas da luz. É impossível penetrar na luz, ela se manifesta indiretamente na linguagem cromática. É impossível penetrar no indizível, no fenômeno primordial. Flusser (2005, p.133) orienta a interpretação de Wittgenstein: “a história do pensamento humano é a coleção das feridas que esse pensamento acumulou ao precipitar-se contra as fronteiras da língua”. O indizível não pode pairar e estagnar, toda a cultura ocidental é uma conversação proveniente dele, em direção a ele. Nas tentativas de infiltração no indizível, o nada positivo e autêntico recebe diversos nomes.

Objetivamente chama coisa em si, o de tudo diferente, o Não-eu. Subjetivamente se chama espírito, sujeito, Eu. São tentativas de dar nome ao inarticulável. Essas tentativas são responsáveis pelos chamados problemas eternos do pensamento: eternos por insolúveis. (FLUSSER, 2005, p.133)

A fenomenologia de Goethe assumiu esse aspecto eternamente insolúvel, inconciliável entre idéia e experiência. A experiência é o acesso à realidade, ao solo da árvore do conhecimento, a idéia é o acesso à suprarrealidade, aquilo que paira acima da copa. A palavra ideia utilizada por Goethe não se limita ao sentido platônico, sua perspectiva unifica as correntes platônica e aristotélica. A ideia só pode ser intuída, então não é discursível, porque proveniente de uma suprarrealidade, seu caráter é de uma irrealidade superior à realidade. “Ao realizar-se na língua, o intelecto perdeu essa irrealidade superior à realidade e procura reconquistá-la, superando a língua” (FLUSSER, 2005, p.133). O modo de Goethe superar a língua foi sua transição entre a conversação científica, às vezes se aproximando da filosófica, e o nível poético da linguagem.

Considerações finais

A fenomenologia de Goethe é um procedimento científico fundamentalmente evolucionista, sua abordagem sobre a metamorfose das plantas focaliza justamente o

aspecto evolucionista dos organismos vivos. O desenvolvimento orgânico é uma constatação dupla, por um lado, manifesta-se empiricamente, por isso o processo de aprendizado do pesquisador como método dentro do contexto fenomênico. Por outro lado, manifesta-se no plano ideativo com a concomitante participação do pesquisador no processo produtivo. A intuição da primordialidade da evolução da natureza é igualmente um desafio de produção de linguagem por parte de quem pesquisa. Percepções intensificadas, ou elevadas, da natureza são possíveis através de uma elaboração da qualidade produtiva do sujeito epistemológico, colocado sob a alegoria da árvore do conhecimento.

O ser da natureza como atividade em contínuo movimento, ou seja, como manifestação de sua linguagem própria, requer o mesmo dinamismo na linguagem pesquisante que procura conhecê-lo. Em vez de avançar na nomenclatura que já era tradição desde Lineu, ou seja, de continuar adentro da multiplicidade da natureza, Goethe inclui a relação indissociável entre unidade e multiplicidade em suas pesquisas, entre o todo e as partes, entre ausência e presença.

Metamorfose é sinônimo de evolução, mas não restrito ao sentido darwinista da palavra. Por captar em seu processo epistemológico a unidade, o todo, o aspecto ausente à empiria, a fenomenologia da natureza explora a evolução como sentido inerente e subjacente à linguagem fenomênica do mundo natural. No entanto, esta unidade, ou todo, ou aspecto ausente, não são explorados numa camada de conversação, que aborda plana e diretamente os fenômenos percebidos. A unidade, o todo e a ausência são exploradas numa camada poética da linguagem, numa camada mais densa, cujo desvendamento da densidade implica numa participação produtiva de quem busca compreender os mistérios da natureza. A ciência fenomenológica de Goethe é um modo complementar de pesquisa que procede por um viés qualitativo, onde o sujeito pesquisante e o pesquisado entram numa relação de diálogo reciprocamente construído.

Referências

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

_____. **Língua e realidade**. São Paulo, Annablume, 2005.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **Teoría de la naturaleza**. Madri: Editorial Tecnos, 1987.

_____. **A metamorfose das plantas.** Tradução, introdução, notas e apêndices de Maria Filomena Molder. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.

_____. **Naturwissenschaftliche Schriften I.** Band 13. Hamburger Ausgabe. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2000. [*Textos sobre ciência natural*]

KEIM, Ernesto Jacob; SANTOS, Raul Fernando dos. **Educação e sociedade pós-colonial:** linguagem, ancestralidade e o bem viver – Paulo Freire e Vilém Flusser VÃNHVE – Xokleng/Laklãnõ e SUMAK KAWSAY – povos andinos. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

PÖRKSEN, Uwe. **Deutsche Naturwissenschaftssprachen:** historische und kritische Studien. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1986. [*Linguagens alemãs da ciência natural: estudos históricos e críticos*]

_____. Goethes phänomenologische Naturwissenschaft. Sprache und Darstellung als Erkenntnisinstrument. IN: PLEŠTIL, Dušan; SCHAD, Wolfgang (Orgs.). **Naturwissenschaft Heute im Ansatz Goethes:** Ein Prager Symposium. Stuttgart: Verlag Johannes M. Mayer, 2008. p.89-103 [*A ciência natural fenomenológica de Goethe: linguagem e representação como instrumento epistemológico*]

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

WITZENMANN, Herbert. **Goethes universalästhetischer Impuls:** Die Vereinigung der platonischen und aristotelischen Geistesströmung. Dornach: Gideon Spicker Verlag, 1987. [*O impulso universal-estético de Goethe: a associação da corrente espiritual platônica e aristotélica*]